



O MANIFESTO E AS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

GRACIANO NEVES DE OLIVEIRA

Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 3000 Coimbra
gdoliv@mat.uc.pt

O Manifesto para a Educação da República já despertou múltiplas reacções e o simples facto de rapidamente ter conseguido milhares de assinaturas mostra iniludivelmente que aborda um problema muito sentido. Neste momento interessa pouco se é inovador, não é fundamental concordar-se ou não com todas afirmações que contém e não vale a pena discutir se os autores consultaram os estudantes. Tocaram, sem sombra de dúvida, numa questão candente e o que verdadeiramente importa é que sirva de catalisador para uma discussão aprofundada que há muito devia ter tido lugar, sendo inúteis argumentos que só podem desviar a atenção do imprescindível debate. Esse debate tem de incidir sobre as Ciências da Educação, na forma e com as consequências que elas tiveram em Portugal, e desaguará, inevitavelmente, em questões de poder, logo políticas.

As Ciências da Educação, ao designarem-se por ciências, passam a ideia de que o problema é científico, leia-se de competência, mas apolítico. Há cientistas da educação em todos os partidos, uma espécie de bloco central educativo, dando-se até o caso de existirem ministros que conviveram bem com as Ciências da Educação e, logo que deixaram o ministério, descobriram que não gostavam da matéria. A simpatia dos estudantes não tardou, encontrando-se, com frequência, sobretudo no ensino superior, estudantes a explicarem o insucesso escolar pela falta de preparação pedagógica, que não científica, dos professores. Além dos estudantes, as direcções sindicais parecem não morrer de amores pelo Manifesto, o que não espanta. Os subscritores do Manifesto já come-

çam, significativamente, a ser chamados intelectuais. A repercussão que o documento obteve, mais do que o que diz, pode vir a bulir com muitos hábitos arraigados. Enfrentamos também um problema cultural, terrivelmente agravado pelo discurso dominante. Os problemas culturais são difíceis de ultrapassar e, em geral, precisam de uma acção prolongada. Não se pode continuar com o discurso de que é possível aprender sem esforço e menosprezando a memória e não se pode porque é, pura e simplesmente, uma redonda mentira. Os cientistas da educação, detentores do conhecimento científico, decidem e os que se lhes opõem, apesar de numerosos, têm sido demasiado passivos, pecando por omissão. Nessa medida, têm graves responsabilidades por se limitarem a críticas de gabinete, nem sempre bem fundamentadas, ao mesmo tempo que, paulatinamente, vão adoptando o vocabulário, às vezes os métodos, dos pedagogos.

Há um outro problema que deve ser encarado com clareza: como conciliar o aumento de exigência com uma escola para todos? Se se começar, sem mais, a exigir que os estudantes aprendam, corre-se o sério risco de o abandono escolar aumentar. As medidas tomadas até aqui pelos decisores, pretensamente técnicos, pretensamente apolíticos, contra o abandono escolar não servem. Limitaram-se a descer drasticamente a exigência, tendendo a transformar a escola num simples receptáculo para os alunos estarem sem que nada aprendam. Estas medidas foram acompanhadas da teorização correspondente: o objectivo não é que os alunos aprendam mas que adquiram competências, como se fosse possível ter competên-

cias sem conhecimentos entranhados na memória.

Também não adianta o discurso catastrofista de que a escola nunca esteve tão mal. Esta afirmação não é só de agora, tem sido feita em todas as épocas e esquece que nos últimos 20 ou 30 anos se conseguiu que o acesso ao ensino deixasse de ser privilégio de uma pequeníssima minoria e que o conteúdo científico das disciplinas do ensino superior deixasse de nos envergonhar.

Não temos que concordar com o conteúdo do Manifesto, nem vale a pena dizer que "não assino porque discordo" ou que "não assino porque concordo mas repete o que tenho dito"! A imensa importância que já adquiriu e não se lhe pode retirar reside em, fulminantemente, ter conquistado tantas assinaturas. Nem os subscritores, nem mesmo os redactores têm de ser encarados como líderes. Nem sequer temos de esperar pela resposta do Presidente da República ao apelo, tanto mais que o Presidente não governa, não é messias e muito menos se poderá envolver nas disputas partidárias sem as quais nada muda. É tempo de discussão. E é tempo de acabar com o medo dos confrontos de ideias, com os receios de que possa haver vencedores e vencidos e com a rejeição da política.

Provavelmente o principal receio dos interesses estabelecidos é o debate e serão grandes as tentações para concentrar as críticas em aspectos secundários do documento que o levem ao esquecimento.

O autor destas linhas é professor catedrático de Matemática, já foi presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática e vice-presidente da International Linear Algebra Society e outras coisas que constam do seu currículo. Isto serve para informar que sabe umas coisitas de Matemática, desgraçadamente muito pouco, e até já inventou teoremas, de pouca relevância para seu desgosto. Mas tudo foi conseguido à custa de muita transpiração. Por isso, não hesita em afirmar que quem diz que a Matemática, a Física, ou qualquer outro assunto, se aprende sem esforço, ou é ignorante, ou mente desavergonhadamente, ou as duas coisas.

Fevereiro de 2002

Centro de Física das Interações Fundamentais (Instituto Superior Técnico)

Um Centro de Investigação em crescimento



★ Projectos de investigação em Física de Altas Energias (11 membros permanentes, 6 post-docs, 5 estudantes), Física Nuclear e Física Hadrónica (7 membros permanentes, 4 post-docs, 5 estudantes), Física da Matéria Condensada (2 membros permanentes, 2 post-docs), Relatividade e Cosmologia (2 membros permanentes, 1 estudante), Geometria Diferencial (1 membro permanente), e áreas afins

★ Os temas investigados incluem física de neutrinos, extensões do modelo padrão, supersimetria, bariogénese, iões pesados, mesões escalares, lagrangeanos para partículas instáveis, quebra de simetria quiral, produção de mesões, novos estados de estabilidade nuclear, QCD, topologia de sistemas fortemente correlacionados, decomposição spinodal, dinâmica de vórtices, coexistência de magnetismo e supercondutividade, teorias da expansão do Universo, matéria escura, variedades de Kahler-Einstein